

A História da Pequena Estrela

LER+
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

Rosário Alçada Araújo

Ilustrações de Catarina França

10^a Edição
Prémio

Recomendado para publicação
BRANQUINHO DA FONSECA
EXPRESSO GULBENKIAN



GAILIVRO



A História da
Pequena Estrela

Rosário Alçada Araújo

Ilustrações de Catarina França





I

Era uma vez uma estrela pequena que estava sempre triste. A Pequena Estrela – era assim que lhe chamavam – costumava olhar para as outras estrelas e pensar como elas eram grandes, como eram brilhantes e como eram bonitas.

Quando havia uma festa no céu, quatro vezes por ano, para festejar a chegada de uma nova estação, as estrelas juntavam-se para dançar a noite inteira, mas a Pequena Estrela escondia-se sempre na luz do luar e ficava lá, admirando as outras estrelas e observando como elas eram magníficas, como dançavam bem e como saltavam com magia.



Se as nuvens vinham visitar o céu, a Pequena Estrela escondia-se por detrás de um planeta, onde ficava o dia inteiro, a ouvir a conversa entre as estrelas e as nuvens e também a chuva. Pensava sempre como elas falavam bem, como tinham conversas inteligentes e como era belo o seu cantar.

12

“Aqui ninguém precisa de mim”, dizia a Pequena Estrela para si mesma. E um dia, logo a seguir ao nascer do Sol, resolveu fugir e descer até à Terra, para ver se aí podia ter uma vida mais bonita e alegre. Tomou balanço, começou a andar à roda sobre si mesma e rodopiou até ir parar ao chão.

Quando se levantou, viu um grande lago na sua frente. O lago tinha muitas cores azuis, umas mais escuras, outras mais claras. Para as ver todas, apreciando a beleza de cada uma, a Pequena Estrela tinha apenas de mudar a sua posição. Se se chegava mais para a direita, via um azul muito forte; se ia para a esquerda, o azul era mais claro. Havia ainda uma parte do lago com mil tons de verde, que se encaixavam uns nos outros, fazendo do lago a coisa mais grandiosa que a Pequena Estrela vira. “Nunca pensei que a água pudesse ter tanta beleza!”, disse para consigo.





Como era de dia, ninguém via a Pequena Estrela, e por isso ela podia andar por entre as árvores, ver com atenção cada animal, por mais pequeno que fosse, e ainda apreciar a maneira como as flores desabrochavam e cresciam, como se estivessem a dizer olá ao mundo. “Tudo isto me parece demasiado perfeito para que alguém venha a precisar de mim aqui. Mas, como estou a gostar do passeio, vou continuar.” E assim foi. Durante todo o dia, a Pequena Estrela caminhou e observou. Andou pelos solos cheios de terra, passou entre as árvores, algumas muito altas, tão altas que quase chegavam ao céu. Perdeu-se nas horas, admirando a Natureza. À sua volta via muito verde e tudo era calmo e silencioso.

Quando o dia estava a chegar ao fim, a Pequena Estrela começou a ficar preocupada. Agora ia brilhar e alguém podia vê-la. Que fariam as pessoas quando a vissem? “Uma estrela na Terra!!! Socorro! Socorro!”, imaginava a estrela, “Venham ver! Será uma estrela?! Não pode ser! Será uma lâmpada muito forte?” E a Pequena Estrela, na sua imaginação, já via os jornalistas atrás dela e os políticos a quererem marcar reuniões com



ela, quando, afinal de contas, não tinha nada para dizer. Era uma simples estrela que tinha fugido do céu, à procura de uma vida mais bonita.

A noite caiu finalmente. “A partir de agora preciso de ter muito cuidado”, disse para si mesma. Mas mal acabou de dizê-lo, uma enorme árvore saiu do sítio onde estava e foi ter com ela.



II

– Olá, como te chamas? – perguntou a Árvore.

– Eu... eu... sou a Pequena Estrela...

– Não tenhas medo! Que fazes tu no Lugar dos Grandes Corações?

– No lugar de quem?!!!

– Ah, vejo que ainda não sabes. Então a primeira coisa que devo dizer-te é que és bem-vinda ao Lugar dos Grandes Corações!

– E... e o que é o Lugar dos Grandes Corações?

– É o lugar para onde vem quem anda à procura de algo que ainda não sabe o que é.

Que coisa mais complicada! A Pequena Estrela não conseguia imaginar maior perda de tempo do que andar à procura de algo que não se sabe o que é. Por momentos pensou em sorrir para a Árvore, agradecer as boas-vindas e seguir em frente, fingindo que tinha percebido tudo e assim não ser importunada com mais disparates. Só que, de repente, alguma coisa a fez parar. É que, afinal de contas, ela tinha saído do céu,

rodopiado, e vindo parar junto ao lago, apenas porque se sentia triste. Mas o que realmente andava a fazer naquele lugar... isso não sabia! Também ela estava entre os que andam à procura de algo que ainda não sabem o que é.

– E porque se chama a este lugar o Lugar dos Grandes Corações?

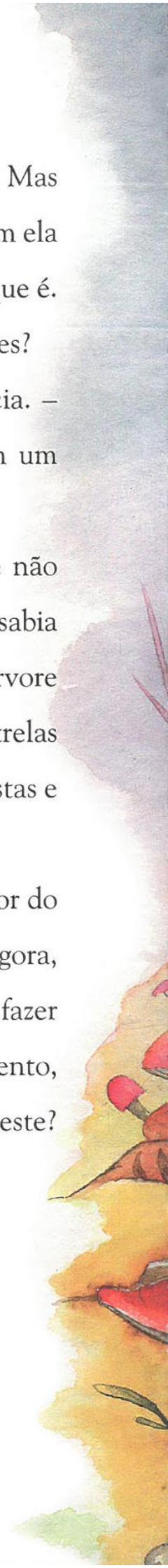
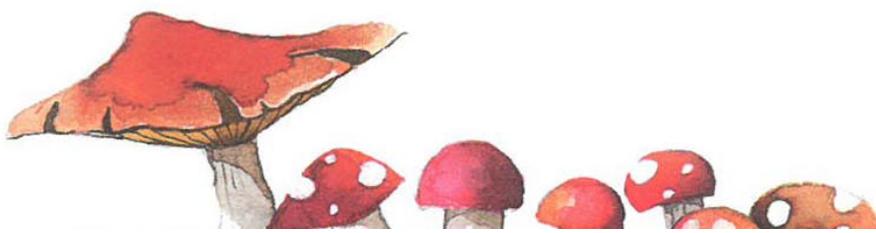
– Ora, que pergunta!!! – disse a Árvore, sem muita paciência. – Porque quem vem aqui parar, seja por que razão for, é porque tem um coração muito grande e uma missão.

A Pequena Estrela estava de novo confusa: primeiro porque não sabia que tinha um grande coração e depois porque também não sabia o que queria dizer a palavra *missão*. Começou então a contar à árvore porque é que tinha vindo do céu e como achava que as outras estrelas eram melhores do que ela, tendo sempre vergonha de aparecer nas festas e de participar nas conversas.

18

– Mas o que acabas de me contar não significa que tu sejas pior do que as outras estrelas. Apenas significa que tu és especial e que, por agora, aquele não é o teu lugar. Assim como o padeiro feliz não gosta de fazer casas e o pedreiro feliz não sabe fazer pão, também tu, neste momento, sentes que não sabes dançar e conversar com as outras estrelas. Percebeste?

– Mais ou menos... E... já agora... o que significa *missão*?







– Para o dicionário, que é um livro importante feito por pessoas que estudaram muito, *missão* significa tarefa, aquilo que tem de ser feito. Mas eu prefiro dizer-te que *missão* é a coisa mais bonita que tu podes fazer neste mundo.

– E como hei de descobrir qual a coisa mais bonita que posso fazer neste mundo? – perguntou a Pequena Estrela, um pouco impaciente.

– Calma. Para começar, já estás no lugar certo. Eu sou a Árvore da Sabedoria e estou aqui para te ajudar. A primeira coisa que deves fazer é acreditar que vais encontrar o que procuras e...

– Mas eu não sei o que procuro! – interrompeu a Pequena Estrela.

– Isso não é importante. O importante é que acredites – explicou a Árvore da Sabedoria. – A tua primeira viagem feita a partir do Lugar dos Grandes Corações será ao lago, perto daqui. Mergulharás nas suas águas, onde novas maravilhas estarão à tua espera. Toma – continuou a Árvore da Sabedoria, enquanto arrancava de si mesma um bocado pequeno do seu tronco. – Aqui tens o mapa com o caminho que deves seguir até ao lago.

A Pequena Estrela, segurando no bocado pequeno de tronco, esperou pelo nascer do Sol e pôs-se então a caminho.



III

Não foi difícil chegar ao lago. Depois de algumas horas, a Pequena Estrela vislumbrou um lago muito grande, tão grande que não era possível ver onde acabava. Olhou então para o bocado pequeno de tronco e leu: “Mergulhar sem medo”. E tomando balanço, rodando um pouco sobre si mesma para trás, atirou-se para o lago com muita força e mergulhou até aos seus lugares mais profundos. Aí, a Pequena Estrela pôde conhecer um mundo que ela nunca sonhara existir: peixes de variadas formas e cores, pedras e pedrinhas e um nunca acabar de plantas acomodavam-se por entre as rochas que, de tão grandes que eram, abrigavam ou serviam de suporte a tudo o que havia no fundo do lago: “Um verdadeiro mundo! E tão diferente do meu mundo!”, pensou. Na verdade, a Pequena Estrela, que conhecia o céu, as outras estrelas, o Sol, as nuvens e todas as coisas que podia ver ao olhar para a Terra, nunca pensara que outros mundos houvesse por descobrir. E, afinal de contas, um mergulho até ao fundo do lago foi suficiente para perceber como se enganara.

O que a Pequena Estrela não reparou foi que, ao chegar ao fundo do lago, uma luz que antes não existia naquele lugar ia iluminando todo o caminho por onde ela passava. De imediato, o Peixe-Rei-dos-Peixes foi ao seu encontro:

– Bem-vinda, estrela brilhante! Há quanto tempo esperávamos por ti!!! Eu sou o Peixe-Rei-dos-Peixes.

– Olá, eu sou a Pequena Estrela. Quem me mandou vir até aqui foi a Árvore da Sabedoria.

O Peixe-Rei-dos-Peixes contou-lhe então o que se andava a passar no fundo do lago:

22 – Há muitos, muitos anos, ainda o avô do meu avô reinava neste lago, a luz do sol deixou de ser suficiente para nos iluminar. Primeiro porque, a cada ano que passa, o peso de todos nós empurra o fundo do lago mais para baixo e faz com que este fique mais longe do Sol e da luz do luar. E, depois, porque a vegetação que foi crescendo nas rochas não deixa que a luz chegue até nós. Hoje tu chegaste e a Comunidade do Fundo do Lago pôde finalmente ter luz. Antes da tua visita, tínhamos de nos movimentar com muito cuidado e muito lentamente. Agora, como podes ver, já não é assim.

A Pequena Estrela olhou à sua volta e viu muitos peixes a andar para cá e para lá, a pentear a vegetação, a empurrar troncos pequenos de um lado para o outro e a enfeitar as rochas com pedrinhas, numa atividade incessante!





Minutos depois, um dos arautos do Peixe-Rei-dos-Peixes anunciava de cima da rocha mais alta:

– A todos os seres aquáticos que hoje me ouvem, em nome d’el rei, o Peixe-Rei-dos-Peixes, declaro que amanhã, depois de a Comunidade do Fundo do Lago voltar a ser o que era dantes, haverá uma grande festa, sendo convidada de honra a Pequena Estrela!

E no dia seguinte, a Pequena Estrela teve a festa mais bonita que já alguma vez imaginara poder ter: cantares melodiosos e danças maravilhosas de peixes de todas as cores, com vestidos feitos de algas vermelhas, verdes e azuis transformaram a Comunidade do Fundo do Lago num lugar de sonho. Com muita alegria e vontade, a Pequena Estrela cantou, bailou e conversou toda a noite, como se estivesse entre amigos de há muito tempo.

Antes de partir, a Pequena Estrela ofereceu ao Peixe-Rei-dos-Peixes um raio de brilho:

– Eu tenho milhares! Não me fará falta!

– Obrigado, Pequena Estrela!!! – disse o Peixe-Rei-dos-Peixes. – A Comunidade do Fundo do Lago nunca esquecerá a luz e a alegria que nos devolveste.

E lá foi a Pequena Estrela, já nascia o dia, a caminho do Lugar dos Grandes Corações, sentindo uma alegria imensa dentro de si.





IV

De novo se encontrou a Pequena Estrela com a Árvore da Sabedoria.

– Onde irei eu desta vez?

– Calma! Nem sequer me perguntaste como é que eu estou! Quando se para, é preciso pousar o coração. Hoje estou cansada. E tu também deves estar cansada, depois da viagem.

– Isso é verdade. Ainda é uma longa caminhada... aliás, vinha a pensar e tive uma ideia: para que eu não ande sempre para cá e para lá, a caminhar tantas horas para vir ter contigo, só para me dizeres o que vou fazer a seguir, eu proponho que tu me digas, agora e de uma vez por todas, os lugares que devo visitar. Para mim seria muito melhor... muito mais prático... ou seja... dava-me jeito saber desde já aquilo que vou fazer no futuro. Tu até podias escrever o que vou fazer em cada lugar, para eu estar certa de que não me vou atrapalhar... – disse a Pequena Estrela, esperando que a sua ideia fosse elogiada pela Árvore da Sabedoria. – Assim, poupamos

trabalho às duas: eu não tenho de vir cá tantas vezes e tu não perderás tanto tempo comigo, sempre a receber-me e a ter de fazer as honras da casa no Lugar dos Grandes Corações. Verdade seja dita, tu és muito amável...

– Nem pensar! – respondeu a Árvore da Sabedoria, horrorizada com tal ideia. – Isso nunca!

– Desculpa, não queria ofender.. – disse de imediato a Pequena Estrela. – Se queres ir sabendo o que se passa nestas minhas aventuras, eu venho cá dizer ou posso escrever-te ou...

– Não tem nada que ver com querer receber visitas ou saber o que se passa.

26 A Árvore da Sabedoria, muito serenamente, poisou o seu olhar nos olhos da Pequena Estrela, que logo compreendeu que uma coisa muito importante lhe ia ser dita:

– A vida, a Tua Vida, não é para ser desenhada como se de um mapa se tratasse: ali se vira à direita, por ali se vai em frente. É certo que a vida de cada um é para ser pensada: é importante o que é que tu, Pequena Estrela, podes fazer com o teu brilho e com essa vontade de procurar algo que ainda não sabes o que é. Mas não queiras cair num dos maiores erros do mundo: querer estar certa do futuro. E sabes porque é que isso é um grande erro? Porque nunca um ser humano, animal, planta ou pedra que fez essa pergunta obteve uma resposta certa. E os que julgavam ter







consigo essa resposta viveram grandes perigos. Vive cada dia, a passos curtos, saboreia cada momento do tempo que jamais se repetirá. Podes fazer projetos e ter ideias, mas nunca queiras saber o futuro. O futuro é algo que, como ainda não aconteceu, muda muitas vezes até acontecer: hoje o teu futuro é um, amanhã será outro.

28

A Pequena Estrela não compreendeu tudo o que a Árvore da Sabedoria disse, mas pelo menos percebeu que não devia pensar muito no futuro e devia viver um dia de cada vez, caso contrário, estaria em perigo. E assim, confiando no que ouvira, a Pequena Estrela não voltou a perguntar o que lhe iria acontecer.

A Árvore da Sabedoria arrancou então outro bocado pequeno de tronco, que desta feita a enviava para a Ilha Escondida.



V

A Ilha Escondida – a ilha mais misteriosa do mundo – não era fácil de encontrar. Não fazia parte de nenhum arquipélago, nunca fora vista por ninguém e eram muito poucos aqueles que desconfiavam da sua existência. Só mesmo uma estrela, com o seu brilho cintilante, a podia encontrar. E ainda assim, diga-se que a Pequena Estrela levou algum tempo até chegar à Ilha Escondida. Caminhou durante três dias, desde o nascer até ao pôr do Sol, atravessando uma grande floresta. Quando a noite chegava, escondia-se no solo, cobrindo-se com a sua terra opaca e castanha, para que ninguém a visse. E ao quarto dia, quando parecia que estava a chegar ao fim da floresta, a um sítio onde as árvores começavam a escassear, avistou a Pequena Estrela a água do mar, com as suas vagas indecisas. Então, mergulhou e atravessou o mar. A travessia do mar demorou poucas horas. Umhas vezes, a Pequena Estrela aproveitava a direção das ondas; outras, lutava com força para não voltar para trás, seguindo o seu caminho até chegar a uma camada que mais parecia um conjunto de nuvens cinzentas.



E tal como as nuvens não nos deixam ver o azul vivo do céu, também esta camada ocultava a Ilha Escondida.

A Pequena Estrela não sabia o que ia encontrar. Mas o bocado pequeno de tronco não deixava dúvidas: “Quando terminares a travessia do mar, avança sem medo”. E lá seguiu em frente. Não se pode dizer que o tenha feito sem medo. Mas, pelo menos, não desistiu.

30

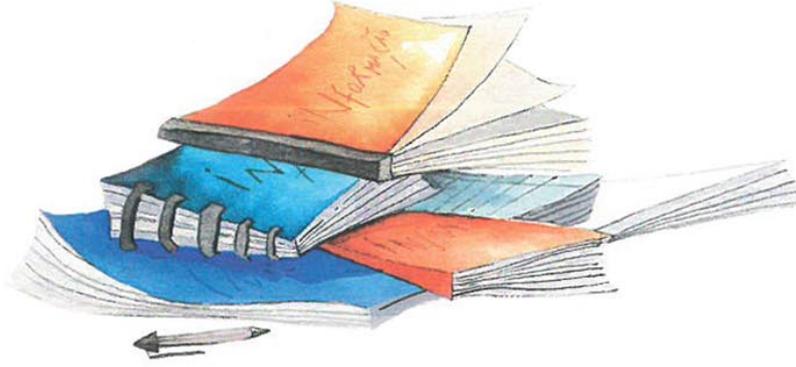
A camada que mais parecia um conjunto de nuvens cinzentas era mesmo muito escura, e a Pequena Estrela perguntava a si mesma onde é que iria parar. Mas a resposta veio de imediato: à Ilha Escondida! Foi tudo tão rápido, que ela nem entendeu muito bem. Empurrada por uma lufada de vento, escorregou desde o cimo de uma montanha que ali estava sem se perceber porquê e foi levada até chegar a um vale muito grande e fundo. “Deve ser aqui”, pensou.

A Ilha Escondida era um sítio diferente de qualquer outro. Tinha muitos, muitos eucaliptos. O facto de estas árvores existirem em grande quantidade naquela ilha até poderia passar despercebido. Seria apenas uma ilha onde havia uma floresta de eucaliptos. Mas o que chamou a

atenção da Pequena Estrela foi ver que destas árvores nasciam, como se de frutos se tratasse, cadernos e blocos de notas de todas as cores e feitios. Uns eram enormes, pareciam os cadernos que os pintores e arquitetos usam para desenhar. Outros, mais pequenos, pareciam os que os meninos levam para a escola. Outros, ainda, eram iguais aos que existem nas mercearias ou nos consultórios médicos, onde há sempre qualquer coisa, ainda que não muito extensa, para escrever.

A Pequena Estrela estava de boca aberta. Quanto mais percorria a ilha, mais eucaliptos avistava. E, por entre os pequenos espaços deixados entre os eucaliptos, homens e mulheres muito altos caminhavam numa azáfama indescritível. Eram gigantes! A Pequena Estrela ficou muito admirada com a sua figura, pois sempre imaginara os gigantes como sendo pessoas altas e gordas e, no caso dos habitantes da Ilha Escondida, os gigantes eram muito magros. Eram tão altos e tão magros que, às vezes, eles próprios pareciam eucaliptos.

Os homens e as mulheres levavam uma caneta na mão e, num passo muito apressado, paravam junto aos eucaliptos. Uns folheavam os cadernos e blocos de notas muito rapidamente, outros arrancavam páginas, outros escreviam. Faziam assim com todos os eucaliptos que iam encontrando à sua volta. Uns riam, outros choravam, outros mostravam-se surpreendidos, outros abriam bem os olhos e concentravam a sua atenção, e outros ainda fechavam os olhos e quase adormeciam ali mesmo, prestes a cair para cima dos eucaliptos. Era uma ilha muito esquisita.



A Pequena Estrela subiu a uma das montanhas que formavam o vale, para observar aquele espetáculo e ter a certeza do que via. Vistos de cima, a correr e a chocar uns contra os outros, seguindo logo o seu caminho, os habitantes da Ilha Escondida mais pareciam formigas.

32 “Será que nem sequer param para comer ou para dormir? Não ouvem música nem leem poesia? Se calhar nem existe poesia nesta terra... Vou ter de perceber o que andam a fazer!” E, descendo de novo para junto dos eucaliptos, reparou que todos tinham escrito no seu tronco a palavra informação: “Informação um, informação dois, informação três...” e assim sucessivamente. Em letras mais pequenas, podia ler-se: “Leia aqui a melhor informação, as últimas notícias de tudo e de todos. Deixe-nos aqui a sua informação, as últimas notícias de tudo e de todos.”

A Ilha Escondida era uma ilha onde se dava e recebia informação todo o dia, sem nunca se parar. E como havia sempre eucaliptos a dar informação nova e, ao mesmo tempo, a receber nova informação das pessoas, a ilha não parava, porque o tempo nunca era suficiente para a informação que nascia. Havia sempre notícias para dar.





Reparou então a Pequena Estrela que os homens e as mulheres altos e magros trocavam tanta informação que não tinham tempo para mais nada. E como passavam a vida a saber coisas novas, já faziam uma grande confusão sobre o que se estava a passar, embora julgassem que sabiam tudo sobre tudo. E nem paravam para pensar que outros mundos existiam para além do deles.

34

“Vou ter de os avisar de que existem mais mundos do que este! E de que existe a dança, a poesia, os passeios e outras coisas do coração”, disse a Pequena Estrela. “Até seria bom que me vissem, para aprenderem que eu existo e que, por isso, existem coisas que eles não conhecem. Eles têm de saber que não sabem tudo. Existirá noite nesta ilha?”

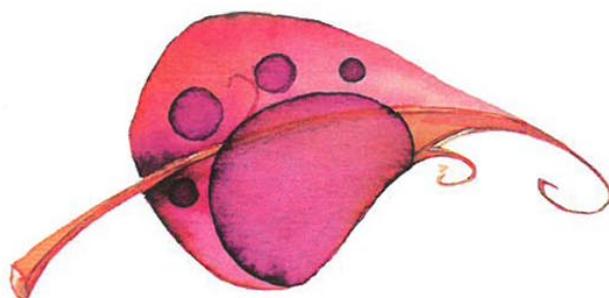
Mas a noite não tinha lugar naquele sítio. A escuridão não tinha lugar naquele espaço, onde toda a gente achava que via tudo muito bem. Depois de muito esperar e perceber que a noite não vinha de maneira nenhuma, a Pequena Estrela concluiu que nunca iria ser vista e pôs-se a pensar numa maneira de dar a conhecer aos habitantes da Ilha Escondida algo muito simples: que havia mais mundos para além daquele onde eles estavam.



Com uma pontinha de si mesma, começou a escrever em todos os eucaliptos, cadernos e blocos de notas: “Há mais mundos do que este.” Escreveu, escreveu e escreveu, até não restar um só eucalipto, caderno ou bloco de notas onde essa mensagem não aparecesse escrita, num prateado muito brilhante, que contrastava com as cores baças das árvores e dos papéis.

35

Mas os habitantes da Ilha Escondida estavam tão ocupados a dar e a receber notícias, que não repararam na mensagem da Pequena Estrela. Continuaram pois a correr de um lado para o outro, como se nada de extraordinário lhes tivesse sido dito. “Não vou ficar aqui a vida inteira, à espera de que a minha mensagem seja recebida”, pensou, ao ver que ninguém lia o que escrevera. E foi-se embora, muito triste.



VI

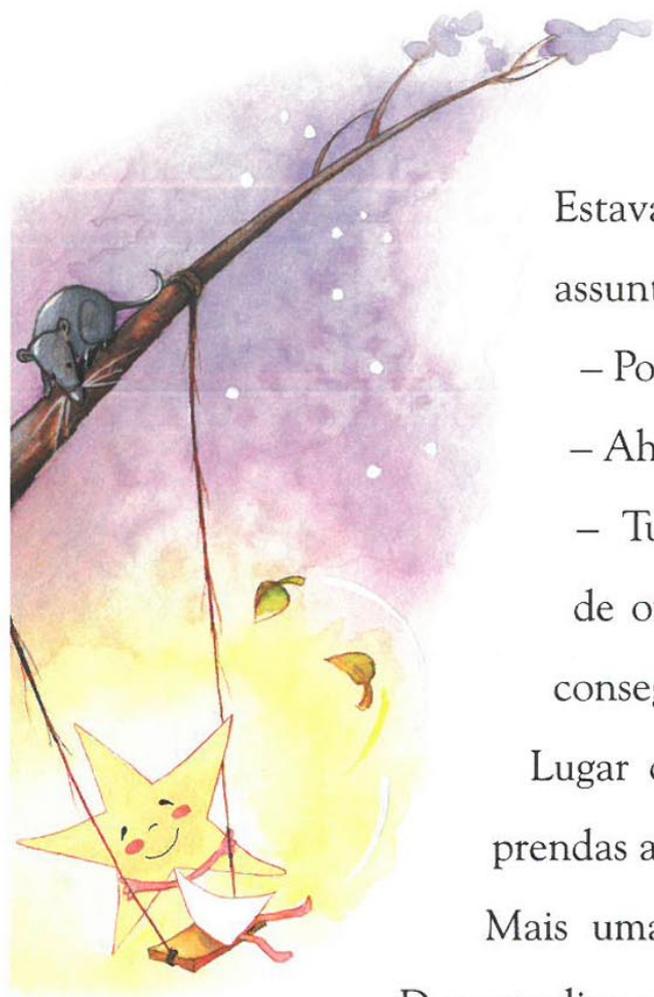
– Tanto trabalho para nada!!! Caminhei durante dias, enfrentei a camada que mais parecia um conjunto de nuvens cinzentas, observei durante horas, esperei pela noite que não veio... escrevi, escrevi e escrevi e... nada!!! – desabafou a Pequena Estrela, quando regressou ao Lugar dos Grandes Corações.

37

– Pois deixa estar, tu já lhes disseste que havia outros mundos, cumpriste a tua missão na Ilha Escondida.

– Mas não é justo! Eu tive um trabalhão!

– Tu não sabes se algum dia os habitantes da Ilha Escondida vão ler a tua mensagem. Se calhar já a leram... ou irão lê-la daqui a um ano... ou... não sei. Muitas vezes, não conhecemos o resultado das nossas ações. Mas temos de aceitar isso e seguir em frente com a preocupação de fazer o que achamos que deve ser feito. O resto não está nas nossas mãos. Mas nunca esqueças a tua missão! Tu deixaste uma mensagem na Ilha Escondida. Agora já não depende de ti, mas de quem a queira ler, percebes?



– Pois sim... – respondeu a Pequena Estrela. Estava tão cansada que não quis falar mais sobre o assunto. – E agora? Para onde vou a seguir?

– Por agora, ficas aqui, a passar uns dias.

– Ah, sim? E que queres que eu faça aqui?

– Tu estás muito cansada da viagem. Precisas de oferecer uma prenda a ti mesma. Senão, não conseguirás continuar. Desfrutarás uns dias no Lugar dos Grandes Corações. Só aqueles que dão prendas a si próprios podem cumprir a sua missão. Mais uma vez, a *Árvore da Sabedoria* tinha razão.

Durante dias, a Pequena Estrela nada mais fez do que vagar pelo Lugar dos Grandes Corações. E que bonito que era! Passeou à beira do lago, observou a forma das folhas das árvores, ouviu o canto dos pássaros e viu crianças a brincar e a correr, que é das coisas mais bonitas que se pode ver no mundo. Ao ver tudo isto, a Pequena Estrela riu. Solto grandes gargalhadas, que ecoaram como cantos no Lugar dos Grandes Corações. Pensou na importância de rir e fazer rir.

Numa manhã de céu aberto, quando achou que já descansara o suficiente e que poderia retomar o seu trabalho, a Pequena Estrela foi procurar a *Árvore da Sabedoria*. Mas não a encontrou. Primeiro, procurou no lugar onde a vira pela primeira vez. Depois, dirigiu-se para os largos portões do Lugar dos Grandes Corações, que era o sítio onde a *Árvore*



da Sabedoria se despedia dela e a recebia de regresso. Não a encontrou. Onde se teria metido? Procurou então noutros lugares. Mas se não estava onde era costume, a Pequena Estrela cedo compreendeu que a Árvore da Sabedoria não queria ser vista. Parou e ficou deitada todo o dia, a pensar no que estava a suceder.

Foi então que, ao cair da noite, um esquilo de focinho empinado se dirigiu à Pequena Estrela e lhe disse que ela já não precisava da Árvore da Sabedoria. Explicou-lhe que recebera conselhos preciosos durante os encontros que as duas amigas tiveram e que já descobrira muita riqueza.

– Trago comigo uma coisa para ti, que a Árvore da Sabedoria enviou.
– E dizendo isto, o esquilo de focinho empinado estendeu uma das patas da frente e ofereceu à Pequena Estrela uma folha de árvore.

A folha de árvore era larga e não estava verde, notava-se que já havia passado um longo tempo desde o seu nascimento. E como acontece com tudo o que existe no Lugar dos Grandes Corações, era diferente de todas as outras folhas que há no mundo. De um lado, a Pequena Estrela viu a marca de uma pegada de elefante. Não havia dúvidas de que um elefante

a pisara. Mas, se dúvidas houvesse, no outro lado da folha encontrava-se uma mensagem: “O elefante não esquece os passos que dá”.

– “O elefante não esquece os passos que dá.” Que quererá isto dizer?

40 Mal acabou de fazer a pergunta, a Pequena Estrela percebeu que chegara o momento de pensar nos passos que dera desde que deixara o céu. Assim, em plena noite escura, brilhou como nunca: recordou o primeiro passeio que deu pelo Lugar dos Grandes Corações e como apreciou a Natureza; lembrou-se do medo que sentiu ao cair da noite e do seu primeiro encontro com a Árvore da Sabedoria, que lhe falou da palavra *missão*; depois, recordou a luz que levou à Comunidade do Fundo do Lago, a alegria que deu ao Peixe-Rei-dos-Peixes e aos seus súbditos, e os momentos de ouro que passou a bailar e a cantar na festa em que foi rainha; a seguir, as palavras da Árvore da Sabedoria assaltaram de novo o coração da Pequena Estrela: “Nunca queiras saber o futuro. O futuro é algo que, como ainda não aconteceu, muda muitas vezes até acontecer: hoje o teu futuro é um, amanhã será outro”; pensou também na Ilha Escondida, nas pessoas que lá viu e em como existe tanta gente para quem o mundo é pequeno.

Refletiu sobre a tristeza que sentiu quando ninguém quis saber da sua preciosa mensagem “Há mais mundos do que este.” Mais uma vez, a Árvore da Sabedoria parecia estar ali ao lado: “... seguir em frente com a preocupação de fazer o que achamos que deve ser feito. O resto não está nas nossas mãos. Mas nunca esqueças a tua missão!”





Depois, a Pequena Estrela recordou como foi bom oferecer a si mesma uma prenda: descansar aqueles dias no Lugar dos Grandes Corações, gozando a Natureza. “Só aqueles que dão prendas a si próprios podem cumprir a sua missão.”



Estes pensamentos
acompanharam-na toda a noite.

Quando o Sol nasceu, a Pequena Estrela
compreendeu que vivera a maior aventura
e também a maior lição da sua vida.

E, tomando balanço, deu um salto gigante
a caminho do céu, que era afinal o lugar a que pertencia.





Esta maravilhosa aventura começa quando a Pequena Estrela toma coragem e rodopia até chegar à Terra. No Lugar dos Grandes Corações, conhece a Árvore da Sabedoria, que lhe ensina coisas preciosas e lhe dá a conhecer mundos que nunca sonhou existirem. A visita à Comunidade do Fundo do Lago e à Ilha Escondida revelam-se experiências inesquecíveis, que mudarão para sempre o seu coração.



O leitor acompanha esta história com o mesmo entusiasmo e a mesma curiosidade que a Pequena Estrela vai sentindo ao ver a sua atrevida viagem transformar-se numa aventura fascinante, que lhe trará ensinamentos para toda a vida.

Coleção Vira a Página

 www.leya.com	 www.gailivro.pt	ISBN 978-989-557-132-1  9 789895 157132 Infantil
---	---	--